

O CORPO TRANSGÊNERO EM NEY MATOGROSSO E A DESCONSTRUÇÃO DA HETERONORMATIVIDADE ATRAVÉS DA MÚSICA E DA PERFORMANCE

Marina de Oliveira (UFPeI)¹

Resumo: A partir da performance de Ney Matogrosso para a música “Rua da passagem (trânsito)”, de Arnaldo Antunes e Lenine, no show “Atento aos sinais”, investiga-se como a noção de heteronormatividade pode ser desconstruída em uma situação de representação. Isto se dará pelo estudo da letra da música e pela análise de como a presença transgênera construída pelo intérprete coloca a desrepressão da sexualidade como força-motriz para a conquista de um mundo mais igualitário. Para respaldar o estudo, utilizam-se as ponderações de Judith Butler acerca das questões de gênero e de Renato Cohen acerca da linguagem performática.

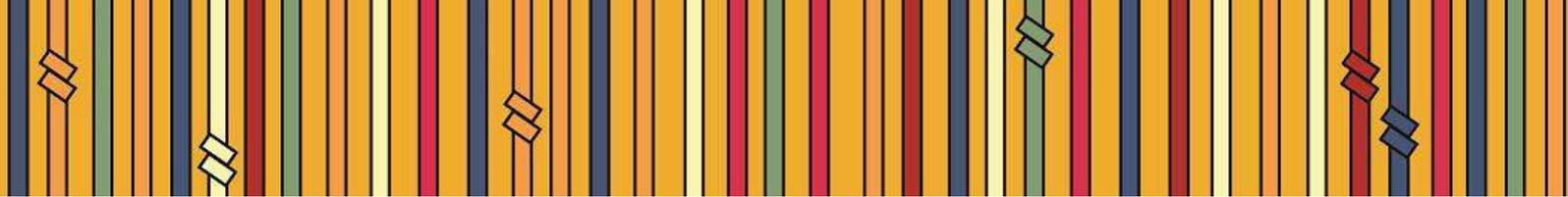
Palavras-chave: Corpo transgênero; heteronormatividade; Ney Matogrosso; performance; música.

A atuação performática de Ney Matogrosso tornou-se notória no contexto dos movimentos contraculturais das décadas de 1960/1970, em que eram recorrentes as experiências híbridas envolvendo as artes visuais, cênicas e musicais. Grupos teatrais ou musicais como o Dzi Croquettes (1972) e o Secos & molhados (1973/74) utilizavam figurinos, maquiagem e movimentação corporal subversivos, contrários a uma estética heteronormativa.

Renato Cohen pondera que na performance “geralmente se trabalha com persona e não personagens” (COHEN, 2002, p. 107). Cabe ao performer o exercício físico de construir a sua persona, a partir de elementos como postura, energia, figurino e movimento corporal, que são constitutivos desta elaboração. É durante o processo criativo que o corpo do atuante transforma-se até estar pronto para interagir com o espectador. Não se trata de construir uma personagem, mas de trabalhar “sobre sua ‘máscara ritual’ que é diferente de sua pessoa no dia-a-dia” (COHEN, 2002, p. 58). Não se trata de ‘fazer a si mesmo’ em detrimento da representação de uma personagem, mas de representar algo, a nível simbólico, a partir de si mesmo.

Durante a formação do grupo Secos & Molhados, Ney Matogrosso afirmou-se através de uma voz e um corpo ousados, extravagantes, híbridos, afrontadores do padrão heteronormativo. Depois da dissolução do grupo, o intérprete seguiu uma bem-sucedida

¹ Graduada em Interpretação Teatral (UFRGS), Mestre e Doutora em Teoria da Literatura (PUCRS). Contato: marinadolufpel@gmail.com.



carreira solo cantando músicas de Chico Buarque, Cartola, Rita Lee, Tom Jobim, entre outros. No show “Atento aos sinais”, que teve a sua estreia em 2013, há um retorno à atmosfera de Secos & Molhados².

Reconhecendo pontes de contato entre a persona construída por Ney em Secos & Molhados e no show “Atento aos sinais”³, o presente artigo aborda de que forma a presença transgênera do performer sugere a liberdade sexual como ferramenta para a construção de uma sociedade mais harmônica, tendo como ênfase o estudo da letra da música “Rua da passagem (trânsito)”, de Arnaldo Antunes e Lenine, canção de abertura do referido show. Como contraponto à ideia de liberdade sexual, menciona-se o estudo de Maria Joseli Silva, que revela a assombrosa interdição espacial imposta a corpos transgêneros na sociedade brasileira.

O título da música “Rua da passagem (trânsito)” comporta, na etimologia das palavras “rua”, “passagem” e “trânsito”, a ideia de deslocamento e movimento. Arnaldo Antunes e Lenine não escolheram este título de modo aleatório, já que “Rua” remete ao mundo; “dar passagem” é deixar algo ou alguém andar livremente; e “trânsito”, por seu turno, remete a uma diversidade de meios de deslocamento (pedestres, bicicletas, carros, caminhões, ônibus etc.) que coexistem entre si, de modo minimamente harmônico. Mas para além de remeter aos meios de locomoção, como mencionado, é possível associar a palavra “trânsito” à diversidade de corpos que se deslocam continuamente (negros, mulheres, crianças, trans, gays, asiáticos, índios etc.).

Por outro lado, é importante ressaltar que “trânsito”, “transexual” e “transgênero” apresentam o mesmo radical, “trans”, do latim, que consta no *Dicionário Aurélio* como “movimento para além de; através de; posição para além de; posição ou movimento de través; intensidade” (FERREIRA, 1999, p. 1.985). Não por acaso, o termo é também utilizado para designar pessoas com identidade de gênero distinta de seu sexo biológico.

Que relação diferentes corpos estabelecem quando se cruzam no “trânsito da vida”? Esta parece ser a ênfase da música que tem como refrão “Todo mundo tem direito à vida / Todo mundo tem direito igual”. O direito à igualdade está defendido na letra da canção

² O próprio cantor teria afirmado: “Atento aos Sinais é um show que me aproxima dos meus tempos de Secos & Molhados, mas é sobretudo um show pop”. Disponível em: <https://www.sopacultural.com/ney-matogrosso-em-atento-aos-sinais-ao-vivo/>.

³ O show foi assistido por mim na cidade de Pelotas, no Theatro Guarany, no dia 28 de março de 2017.



sob vários aspectos, pois tanto as forças policiais quanto os que estão à margem têm direito a se deslocar, já que “A cidade é tanto do mendigo / Quanto do policial”.

O direito de ir e vir está reivindicado na música não apenas para distintas classes sociais, mas para distintas formas de expressão sexual: “Travesti trabalhador turista / Solitário família casal”, todos devem andar com liberdade, “Sem ter medo de andar na rua / Porque a rua é o seu quintal”.

No Brasil, o medo de andar na rua ganha outra dimensão para travestis, transexuais e transgêneros. O artigo de Maria Joseli de Silva, “A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade”, descortina, a partir de entrevistas com treze pessoas que se autointitularam travestis, a dificuldade de livre trânsito num espaço social marcado pela heteronormatividade.

A escola, construída no imaginário coletivo como lugar de conhecimento, inclusão e diversidade, é na verdade uma das principais responsáveis pela marginalização destes corpos transgressores, aponta o estudo: “O espaço escolar aparece na vida das travestis como um local de treino para a vida em sociedade. Ao contrário do que a sociedade idealiza, a escola reproduz e reforça os padrões de exclusão que estão postos e naturalizados” (SILVA, 2008, p. 12). *Bullying*, agressão física, assédio moral e sexual executados por alunos, com a participação, conivência ou omissão de professores e funcionários da escola, foram relatados com frequência nas entrevistas. Também recorrentes foram os depoimentos de travestis que evitavam usar o banheiro e se escondiam durante o período do recreio para não sofrerem agressões. A ação de ir e voltar da escola foi igualmente narrada como experiência traumática, devido às constantes ameaças sofridas no espaço da rua.

A separação dos banheiros em “masculino” e “feminino”, em escolas e espaços públicos, revela-se como a materialização sintética de nossa concepção heteronormativa binária. Mas e como ficam os corpos que não se sentem pertencentes a esta bipolarização? Para travestis, transexuais e transgêneros, esta divisão não é legítima, pois seus corpos não se encaixam em nenhum dos dois polos e a utilização dos banheiros com esta concepção os deixa expostos a constrangimentos e a outros tipos de violência de cunho homofóbico.

Andar na rua, sem medo, como se a rua fosse o seu quintal, é o desejo de parte significativa da comunidade de LGBTs, que sente na pele a interdição espacial sofrida

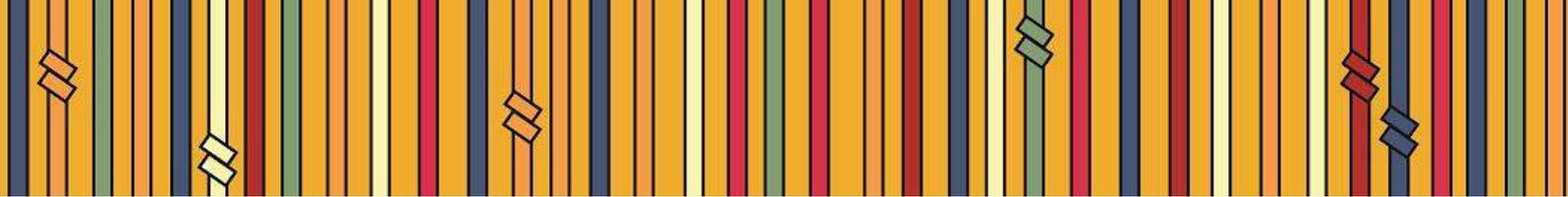
por seus corpos não heteronormativos. O problema não se restringe, obviamente, ao uso dos banheiros e sua concepção binária. Ele está na base da constituição de uma sociedade que perpetua, em lugares como a escola e a igreja, mecanismos de repressão e exclusão perversos. O que está em jogo, além do direito de ir e vir sem sofrer nenhuma agressão, é o direito de permanecer, de pertencer aos lugares preservando uma alteridade distinta do senso comum.

Na música de Arnaldo Antunes e Lenine, o respeito ao outro estende-se também aos demais seres, já que “Não se deve atropelar um cachorro / Nem qualquer outro animal”. O recorrente verso “Gentileza é fundamental” surge como a chave para aqueles que acreditam na coexistência pacífica de seres diversos.

A defesa da pluralidade e da tolerância em sociedade, em “Rua da passagem (trânsito)”, ganha outra potencialidade quando é interpretada por Ney Matogrosso através de uma persona sexualmente ambígua e lasciva, num corpo transgênero, como é possível visualizar na foto⁴ de Márcia Hack, tirada no show “Atento aos sinais”:



⁴ Disponível em: <http://www2.uol.com.br/neymatogrosso/show23.html>.



Este é um dos figurinos do show, assinado por Ocimar Versolato, que veste Ney em cena desde 1994. Um véu brilhante na cabeça, uma espécie de colete feito de plumas negras, uma calça colante de oncinha dourada, botas pretas de cano alto e braceletes e anéis prateados compõem a exuberante figura cênica. Somado à vestimenta, tem-se a energia sexual emanada pela persona construída por Ney Matogrosso, que com olhos faiscantes e movimentação lasciva de quadris e coluna explora um corpo nitidamente distinto da matriz heterossexual.

Ao evidenciar, através de estudos psicanalíticos, filosóficos, feministas e pós-estruturalistas, que não há uma “ordem compulsória” entre sexo biológico, gênero e desejo, Judith Butler afirma-se como importante pensadora dos estudos de gênero e da teoria *queer*.

Butler, em *Problemas de gênero*, identifica que o suposto alinhamento entre sexo, gênero e desejo atende, na verdade, a uma construção de poder respaldada pela crença na heterossexualidade como algo compulsório. Assim, a criança que tem pênis é um menino e sentirá atração sexual por meninas; já a criança que tem vagina será denominada menina e sentirá atração sexual por meninos, numa lógica em que o gênero é concebido como uma unidade formada por dois polos antagônicos: o masculino e o feminino. Para a teórica, “a ‘unidade’ do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2017, p. 67).

A teórica estadunidense afirma ainda que a “verdade” única sobre sexo e sua vinculação a determinado gênero a partir de uma concepção binária instaurou-se na coletividade a partir de narrativas criadas e internalizadas com o intuito de consolidar estruturas de poder heteronormativas:

A univocidade do sexo, a coerência interna do gênero e a estrutura binária para o sexo e o gênero são sempre consideradas como ficções reguladoras que consolidam e naturalizam regimes de poder convergentes de opressão masculina e heterossexista. (BUTLER, 2017, p. 70)

Essas estruturas de poder reguladoras ficaram mais nítidas no Brasil após o golpe político que resultou no governo ilegítimo do presidente Michel Temer, empossado após o impeachment de Dilma Rousseff, em agosto de 2016. Em meio a instabilidade política, o País viu crescer de modo significativo uma onda de pensamento conservador,



respaldado por políticos com posturas sexistas e homofóbicas e por movimentos como o MBL (Movimento Brasil Livre), preocupado em “zelar” pela moral e os bons costumes da nação.

O campo das artes não ficou livre deste retrocesso, a ponto da exposição intitulada “Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira”, sob a curadoria de Gaudêncio Fidelis, promovida pelo banco Santander, ser interrompida em setembro de 2017 sob a falsa alegação, de um grupo de pessoas vinculadas ao MBL, de que a mostra seria uma apologia à pedofilia e à zoofilia. Embora o cancelamento da exposição tenha causado indignação no meio artístico e intelectual e o Ministério Público Federal tenha recomendado, após a comprovação da improcedência das acusações, a reabertura imediata da mostra, o banco Santander optou por não reabrir a exposição.

Neste contexto de expansão do conservadorismo e da intolerância à diversidade sexual, o show “Atento aos sinais” (veja-se que o título não é aleatório), surge como necessário para o País, tendo em vista a sua potencialidade transformadora. Ney Matogrosso está atento ao que está acontecendo no Brasil e mantém-se coerente com sua postura de defender a liberdade sexual e de se opor a outros tipos de violência, como a imposta a negros e índios.

Neste sentido, é esclarecedor mencionar a polêmica virtual em que o cantor se viu recentemente envolvido ao ser criticado por Johnny Hooker acerca de uma entrevista concedida à *Folha de S. Paulo*, que teve como título “Que gay o caralho. Eu sou um ser humano, - diz Ney Matogrosso”. Como contrapartida, Johnny Hooker escreveu em seu *Facebook*: “É inconcebível ler a frase 'Que gay o caralho, eu sou um ser humano' no país que mais mata LGBTs do MUNDO(!)”.

Embora a discussão seja legítima e pertinente, o cantor pernambucano parece não ter levado em conta que a *Folha de S. Paulo* destacou uma frase da entrevista no título, deslocando-a de seu contexto original. A polêmica afirmação foi colhida da resposta de Ney à pergunta de Marco Aurélio Canônico: “Você se considerou em algum momento representante de uma minoria?”, a que Ney respondeu:

Eu não. Nunca peguei essa bandeira, não me interessa. Acho que eu sou útil assim, falando, conversando. Teve um encontro internacional gay no Rio, queriam que eu fosse presidir. Eu disse que não, não penso assim. Aí foi o Renato [Russo]. Tá certo, ele é quem tinha de ir, a cabeça dele era assim. Eu não defendo gay apenas, defendo índios, fiz um vídeo recentemente pedindo a demarcação de terras. Defendo os negros, que estão na mesma situação que viviam nas senzalas, estão presos aos



guetos. Me enquadrar como “o gay” seria muito confortável para o sistema. Que gay o caralho. Eu sou um ser humano, uma pessoa. O que eu faço com a minha sexualidade não é a coisa mais importante na minha vida. Isso é um aspecto, de terceiro lugar. (MATOGROSSO, 2017)

Mesmo optando por não vincular a sua imagem de modo direto ao movimento gay, Ney tem uma grande importância no âmbito da desconstrução da matriz da heterossexualidade compulsória vigente. Note-se que o cantor menciona outros tipos de opressão, destinada a negros e índios, que igualmente mobilizam a sua ação. Ele não quer ser defensor apenas dos gays, mas de outras minorias também.

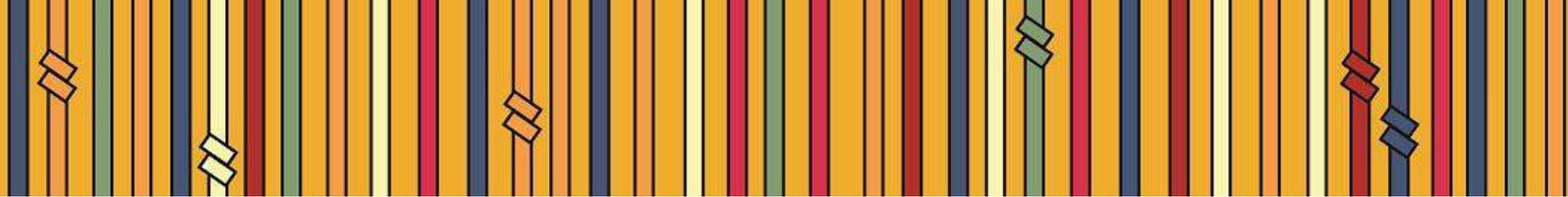
Além disso, Ney parece não se identificar como gay, embora assuma sem problemas que já foi bissexual e que ultimamente suas relações são homossexuais. Pensando nas ponderações de Butler, é interessante observar esta relutância do cantor em ser simplesmente definido assim. Afinal, ser gay não representa em alguma instância o “desvio” que legitima a concepção binária da heterossexualidade compulsória? Talvez a expressão “humano” faça mais sentido para Ney, justamente porque ela dá conta de abarcar outras possibilidades do desejo que fogem às normas hegemônicas de gênero. Por isso, Ney Matogrosso é um artista imprescindível.

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CANÔNICO, Marco Aurélio. “Que gay o caralho, eu sou um ser humano, diz Ney Matogrosso”. *Folha de S. Paulo*. 19 jul. 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/07/1902472-que-gay-o-caralho-eu-sou-um-ser-humano-diz-ney-matogrosso.shtml>>. Acesso em: 27 set. 2017.

COHEN, Renato. *Performance como linguagem: criação de um tempo-espço de experimentação*. São Paulo: Perspectiva, 2002.



FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

NEY MATOGROSSO. Rua da passagem (trânsito). A. Antunes, Lenine [compositores]. In: _____. *Atento aos sinais*. [S. I.] Som Livre. 2013. 1 CD. Faixa 1.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. *Geo UERJ*, v. 1, Ano 10, n. 18, 1º semestre de 2008. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/1343/1132>>. Acesso em: 27 set. 2017.